

ESCOLAS DO CAMPO NO ESTADO DE SANTA CATARINA: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES.

Sonia Aparecida Branco Beltrame – Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O texto apresenta uma discussão sobre as ações desenvolvidas no âmbito do projeto Realidade das Escolas do Campo na Região Sul do Brasil: diagnóstico e intervenção pedagógica com ênfase na alfabetização, letramento e formação de professores. As ações implementadas nas escolas do campo têm a participação direta dos professores no levantamento e estudo da problemática da educação do campo na sua localidade. O /envolvimento com as escolas municipais significou a possibilidade de discutir a Educação do Campo com os sujeitos que atuam diretamente nesse contexto e por isso a riqueza da experiência da docência na escola do campo é a referência primeira. Os estudos desenvolvidos com esses docentes têm revelado a necessidade de ampliar essa discussão uma vez que, em muitos casos, eles não se identificam como escola do campo, ou seja, os discursos da vida urbana são assimilados, naturalizados e vivenciados. O projeto faz parte de uma reflexão maior acerca da educação do campo que desenvolvemos nos nossos estudos e práticas junto a essas populações. Principalmente quando pensamos a educação escolar, pois a escola, vista na lógica da educação do campo ressignifica as especificidades do campo possibilitando a elevação da autoestima e autoconfiança das populações. A busca por novas práticas no âmbito do sistema educativo no campo perpassa questões políticas mais amplas e não se faz separada da assunção de uma nova concepção acerca do processo de ensino-aprendizagem, da instituição escolar e dos sujeitos instituintes da educação nesse espaço.

Palavras-chave: educação do campo; escolas; formação de professores; prática educativa.

INTRODUÇÃO

Nosso estudo parte da hipótese de que a formação do professor, que a sua prática, o seu nível de leitura e condições de letramento e os conhecimentos teórico-metodológicos dos processos de alfabetização e letramento de estudantes interferem na aprendizagem dos alunos e, portanto, no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Tomando como referência que os professores que trabalham nas escolas do campo apresentam alto grau de rotatividade, ou seja, a escola é o lugar da permanente chegada do novo, em função dos contratos temporários de trabalho, é possível inferir que eles apresentam dificuldades na prática educativa em contextos de extrema desigualdade e às vezes conflitos sociais em torno da terra. Por isso a intenção de, após o diagnóstico da realidade escolar, desenvolver um processo de intervenção pedagógica voltado à compreensão do letramento dos professores, do seu nível de leitura e das suas condições para a interpretação e a aquisição dos conteúdos relacionados à realidade dos

povos do campo. Também, uma intervenção pedagógica voltada para a ampliação dos conhecimentos teórico-metodológicos dos processos de alfabetização e letramento na prática educativa. Quando nos referimos a letramento nos referendamos em Soares que diz que:

O letramento consiste de um grande número de diferentes habilidades, competências cognitivas e metacognitivas, aplicadas a um vasto conjunto de materiais de leitura e gêneros de escrita, e refere-se a uma variedade de usos da leitura e da escrita, praticadas em contextos sociais diferentes. (SOARES, 2002, p.107)

Embora o número de escolas do campo venha decaindo ano a ano, no Brasil e em Santa Catarina, é fundamental voltar o olhar e a ação educacional a essa realidade, tendo em vista que o campo brasileiro guarda um enorme potencial de desenvolvimento humano, econômico e sociocultural que necessita ser mais problematizado na sociedade brasileira e catarinense. Nesse sentido,

[...] para pensar a educação e pedagogia do campo, parte-se da particularidade e singularidade dadas pela realidade de homens e mulheres que produzem suas vidas no campo. Todavia, não se postula o localismo e nem mesmo o particularismo, mediante os quais se nega o acesso e a construção do conhecimento e de uma universalidade rica, por que é síntese do diálogo e da construção de todos os espaços onde os seres humanos produzem sua vida (FRIGOTTO, 2019. p.36).

As escolas do campo em Santa Catarina enfrentam dificuldades, na formação e as condições do trabalho dos docentes. A grande maioria dos professores é contratada temporariamente, por meio de processos seletivos simplificados. E, geralmente são docentes que recém concluíram a graduação que vão trabalhar nas escolas do campo. Os cursos de formação de professores não dão a devida atenção à realidade rural e muitos professores chegam às escolas, com diferentes realidades, sem conhecer o básico dos conteúdos que se relacionam ao trabalho, cultura e vida no campo. Ou seja, apostamos num projeto educativo, colado aos processos de produção da vida, da cultura e do conhecimento vinculado às matrizes culturais ou raízes culturais presentes no cotidiano de homens e mulheres que vivem no campo (ARROYO, 2006. p.32).

O projeto que desenvolvemos prevê uma atuação direta com as escolas do campo. Atualmente trabalhamos com 5 municípios: Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna, Curitibaanos, São Bonifácio e Campo Belo. Nas visitas que fazemos às escolas do campo é possível perceber a riqueza cultural desse universo, bem como as fragilidades do

processo educativo que demandam iniciativas locais e de outras instâncias governamentais, principalmente no que se refere a formação dos professores.

A relação Universidade educação básica que se implementa a partir do Projeto aponta para a necessidade de alargar cada vez mais essas parcerias como forma de alavancar propostas de ação que venham a consolidar a melhoria da educação oferecida aos povos do campo. O presente estudo pretende discutir algumas dessas ações que vem ocorrendo no âmbito do projeto evidenciando aspectos relativos a formação dos docentes que atuam nas escolas do campo e a prática pedagógica ali desenvolvida.

OS PROFESSORES DO CAMPO

Nos estudos da educação oferecida às populações do campo, a formação de professores ganha grande destaque, especificamente no que se refere à educação que acontece na escola. Os entraves na formação dos professores seguem merecendo a atenção dos gestores e estudiosos da temática do campo. A falta de oportunidades para estudar e os percalços enfrentados na escolaridade dos docentes são apontados como desafios para a melhoria das condições da qualidade do ensino ofertado aos alunos do meio rural. É conhecida a precariedade da formação docente nas escolas rurais, sendo objeto de estudos que destacam, problemas como: os poucos anos de escolaridade; a falta de propostas de formação contínua por parte dos órgãos gerenciadores dos sistemas de ensino; inadequação da formação para professores das zonas rurais entre outros.

Os estudos sobre o cotidiano dessas escolas trazem à luz, peculiaridades sociais e culturais que caracterizam essa realidade como permeada por dificuldades de várias ordens, o que tem dificultado o trabalho pedagógico. Tal situação evidencia a complexidade das condições que historicamente têm sido oferecidas pelo poder público ao desenvolvimento da prática docente nesse contexto.

As discussões tendem, seguidamente, a responsabilizar o professor(a) do campo pelo fracasso da escola pública, desconsiderando que, em muitos casos, a própria existência dessa escola foi garantida pela dedicação e pelo trabalho da educadora, ou do educador que muitas vezes fez da sua casa o espaço escolar, arrecadando junto aos pais dos alunos os recursos necessários para seu funcionamento. Acrescente-se que a escola não se apresenta dessa maneira pela vontade dos professores (as) ou pelas deficiências dos alunos. Na verdade, ela expressa uma realidade social e política que determina, de antemão os limites do ensinar e do aprender nesse contexto (DAVIS e GATTI, 1993. p.148).

O exame acurado da formação docente na cidade e no campo nos leva a afirmar que muito temos que estudar sobre o assunto, pois ainda são expressivas as demandas das escolas e os baixos índices da educação básica nos desafiam constantemente. Almeida (2006), define a formação como um processo que:

[...] pressupõe crescimento e desenvolvimento pessoal e cultural, não na perspectiva de uma construção apenas técnica, mas sim de desenvolvimento reflexivo, uma vez que o sujeito tem de contribuir com o processo de sua própria formação com base em conhecimentos, representações e competências que já possui. (ALMEIDA, 2006. p.178).

Nessa perspectiva a formação docente considera as experiências dos sujeitos e as inclui como elemento importante na constituição de um saber docente mediador das práticas dos educandos.

A autora aponta para a necessidade de dinamizar os processos de formação articulando-os com o universo mais amplo da vida desses sujeitos, ou seja, é preciso considerar que essa formação se amplia para além da escola, possibilitando a compreensão do processo social onde está inserida. Nessa direção pensamos a formação dos educadores e educadoras que desenvolvem suas práticas nas escolas do campo. É preciso compreender as peculiaridades desse espaço, suas especificidades e necessidades.

ALGUNS INDICADORES DA EDUCAÇÃO EM SANTA CATARINA

O estado de Santa Catarina possui um contingente populacional que totaliza 6.249.682 habitantes, segundo dados do IBGE de 2010. O sistema de ensino registra 244.946 alunos matriculados nas series iniciais de ensino fundamental

No estado as taxas de variação do IDEB, oscilam entre 2.0 e 5.0, sendo que a média estadual em 2009 foi de 5,2. O estado possui aproximadamente 1752 escolas, localizadas no campo (INEP, 2009). Cerca de 1507 escolas pertencem à rede municipal e 245 à rede estadual de ensino. **Mapa 1**

As análises dos dados nessa fase da pesquisa indicam uma forte concentração dos estudantes nas cidades, o que vem ocorrendo nacionalmente. Além disso, é importante observar que grande parte dos jovens do campo se desloca de suas comunidades para estudar. Essas evidências nos remetem às grandes questões que preocupam os educadores e os movimentos sociais do campo: o esvaziamento do campo. Construir uma escola do campo significa estudar para viver no campo. Ou seja,

inverter a lógica de que se estuda para sair do campo. Nesse sentido observamos algumas práticas que desfavorecem a construção dessa escola do campo, como por exemplo, a formação deficitária dos professores, como vemos no **Quadro 1**.

Outra lacuna que observamos nos dados analisados é o baixo IDEB das escolas do campo. O **Quadro 2** evidencia o problema vivenciado por essas escolas o que nos remete para a necessidade de aprofundar a pesquisa do levantamento dos diversos fatores que levam a esses índices. A prática pedagógica ali desenvolvida merece análise acurada, uma vez que se apresenta como um dos grandes desafios nos estudos das escolas do campo e da cidade, para diferentes pesquisadores (ARROYO,2006; PIMENTA, 2006; PENIN, 2006). Certamente as questões relativas á gestão escolar, ás políticas de gerenciamento dos sistemas municipais de ensino, também devam ser considerados na análise.

Quando pensamos a educação do campo no estado de Santa Catarina consideramos importante incluir a reflexão sobre o transporte escolar. As políticas governamentais que o estado vem desenvolvendo privilegiam a nucleação das escolas. No **Mapa 2** podemos ilustrar os vazios deixados por essa proposta, com o fechamento das escolas multisseriadas. Além das crianças, os jovens retirados de suas comunidades para poderem continuar estudando, também não têm o direito a uma educação que contemple sua condição de sujeito que vive no campo, o que muitas vezes acaba por ocasionar a sua desistência de viver no campo. Resta ainda buscar compreender, a partir da pesquisa de campo, quais os impactos dessas práticas nas vidas dessas populações que acabam desarticulando suas relações familiares e de trabalho no campo.

Por fim, no que concerne à infraestrutura das escolas, percebemos que as condições básicas de existência, como acesso à energia elétrica e à água, está praticamente garantido. Entretanto, os demais acessos como laboratórios e biblioteca, fundamentais para o ensino e a pesquisa contemporaneamente, ainda encontram-se longe de serem alcançados, constituindo mais um elemento de negação do direito a uma educação de qualidade às populações do campo.

Os elementos destacados acima nos remetem às possibilidades de análises futuras para os estudos do campo sobre a educação nesse contexto.

PROPOSTAS EM DESENVOLVIMENTO

As ações que vem sendo desenvolvidas no Observatório da Educação têm fortalecido as discussões sobre a Educação do Campo empreendidas no Centro de

Ciências da Educação da UFSC, há alguns anos. A Universidade participa do Observatório da Educação/CAPES desde 2009 no edital 001/2008.

Essa parceria vem possibilitando ações que promovem o aprofundamento da compreensão dos princípios da Educação do Campo e o estudo dessa realidade em SC. Por outro lado, a criação do Instituto de Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável, em 2008, tem oportunizado estudos e práticas que repercutem na Universidade e nos municípios de SC e no Brasil, exemplo disso é a realização do Seminário de Educação do Campo: desafios teóricos e práticos, que reuniu pesquisadores da educação do campo de todo o Brasil. Em 2011, na sua segunda edição, contou com a participação de pesquisadores espanhóis que debateram com educadores brasileiros a educação rural em seu país.

Esse somatório de ações direcionadas à Educação do Campo ganhou novo impulso com o projeto atual, uma vez que se vinculou de maneira mais abrangente e efetiva com a educação básica. Ou seja, a participação dos professores como bolsistas dimensiona de maneira ampla esse envolvimento Universidade escola básica uma vez que os docentes assumem papéis decisivos na sua formação e dos demais integrantes da escola.

AS ESCOLAS QUE INTEGRAM O PROJETO

O envolvimento com as escolas municipais significou a possibilidade de discutir a Educação do Campo com os sujeitos que atuam diretamente nesse contexto e por isso a riqueza da experiência da docência na escola do campo é a referência primeira. Os estudos desenvolvidos com esses docentes têm revelado a necessidade de ampliar essa discussão uma vez que, em muitos casos, eles não se identificam como escola do campo, ou seja, os discursos da vida urbana são assimilados, naturalizados e vivenciados. Em SC, as práticas de nucleação das escolas do campo têm sido implementadas em larga escala pelas prefeituras municipais, o que vem contribuir para a negação do campo, pois na maioria das vezes essas escolas são nucleadas na zona urbana. O impacto dessas políticas é debatido com os professores e os pais dos alunos, porém as posições dos segmentos envolvidos com a escola são divergentes ou pouco claros, em relação à vida no campo.

A partir das ações do projeto intensifica-se um estranhamento dessa problemática por parte dos segmentos envolvidos na educação básica. Nos contatos com as escolas, os bolsistas e professores do projeto problematizam essas questões,

evidenciando o papel da escola na construção de perspectivas sustentáveis para a vida no campo.

AS RELAÇÕES COM A PÓS-GRADUAÇÃO

Os estudos sobre a Educação do Campo se desenvolvem no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFSC, principalmente na linha de investigação Educação e Movimentos Sociais. São oriundos dessa linha os bolsistas de mestrado que atuam no projeto atualmente. Suas pesquisas relacionadas com a problemática do campo envolvem investigação empírica em contextos de educação do campo. Como bolsistas do projeto, esses pesquisadores estão vivenciando o contexto das escolas básicas e estabelecendo trocas de experiências fundamentais para seus estudos. Os apontamentos feitos nos “cadernos de campo” dos bolsistas são elementos fundamentais para a discussão de metodologia de pesquisa-ação, para textos futuros. Por outro lado os professores das escolas têm a possibilidade de iniciar-se na pesquisa, o que traz contribuição valiosa para sua formação. É importante evidenciar também a relação com outros programas de Pós-Graduação da UFSC, a partir da integração de bolsistas que vem de áreas tais como Sociologia, História e Filosofia. A contribuição de outros campos do conhecimento fortalece as possibilidades de investigação da Educação, trazendo outros referenciais teóricos e perspectivas de leitura da realidade catarinense.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A formação dos professores do campo, objetivo fundamental do projeto tem sido perseguido nas ações desenvolvidas. O impacto nas atividades dos docentes se manifesta nas informações que os mesmos recebem nas leituras que realizam, nos debates que participam nas escolas e na Universidade, bem como na participação em eventos promovidos pelo projeto.

As manifestações dos professores têm revelado suas inquietudes em relação à necessidade de ampliar seus conhecimentos sobre a educação do campo, seus conhecimentos pedagógicos e a compreensão do papel social da escola. Nos encontros nas escolas, os docentes falam de suas práticas, das relações com os seus alunos e das necessidades e especificidades das escolas do campo. Esses docentes evidenciam a distancia que se estabelece entre o saber apreendido nos cursos de formação e o cotidiano da escola do campo. Essa questão é debatida quando se pensa a prática escolar no campo e na cidade, as discussões evidenciam que há uma separação entre teoria

pedagógica e prática educacional nos cursos de formação de professores. Uma prática coerente na formação docente seria aquela que traz em si a possibilidade do educador desenvolver uma práxis criadora na medida em que a vinculação entre o pensar e o agir pressupõe a unidade, a inventividade, a irrepetibilidade da prática pedagógica (CANDAUI, 2002. p.69).

Na Escola Multisseriada Municipal Monte Alegre, no município de Campo Belo do Sul, a preocupação da professora é com os alunos com necessidades especiais, uma dificuldade ainda maior no campo. A Escola Itinerante João Joaquim de Lima Xavier, no mesmo município, desenvolve uma metodologia de trabalho que merece um estudo específico a itinerância no campo: os alunos são transportados de ônibus, estudam apenas alguns dias da semana, durante todo o dia. Os professores se deslocam para três escolas-núcleos, localizados no campo, e atendem cerca de 200 alunos durante a semana. Vamos fazer um estudo com os professores sobre essa metodologia. A Escola Municipal do Campo Leoniza Carvalho Agostini no município de Curitibaanos, é um núcleo de educação do campo, amplo, bem construído, que atende alunos em todos os níveis e desenvolve trabalhos relativos ao meio-ambiente. O Centro Educacional Santa Rosa de Lima situa-se no município do mesmo nome, o qual desenvolve uma experiência significativa de agricultura familiar, com um projeto arrojado de agroecologia que se reflete no conteúdo escolar.

A Escola Municipal Professor José Boeing é uma escola nucleada que recebe alunos de várias regiões do município Rio Fortuna, atendendo desde a educação infantil. A Escola Municipal Rio do Ponche situa-se no município de São Bonifácio, numa localidade que mantém as características da zona rural: proximidade com a igreja, poucas casas e crianças muito alegres. Nesse universo, os professores realizam sua prática, constroem seus projetos de pesquisa e indagam essa realidade diariamente.

Os encontros de estudos com os professores, se realizam quinzenalmente nas escolas e mensalmente na Universidade. Nessas oportunidades são debatidos temas referentes à educação do campo e a prática desenvolvida na escola. Os professores desenvolvem subprojetos de pesquisa enfocando a temática do letramento e as relações construídas no contexto do campo e são acompanhados pela equipe do projeto.

Na relação com as Licenciaturas merecem destaque as seguintes ações: 1) A UFSC mantém um Curso de Licenciatura em Educação do Campo, que já está na sua segunda turma. Alguns professores da Universidade que atuam no projeto lecionam nesse curso. As ações do projeto são debatidas com os alunos nas aulas, sendo

importantes seus retornos para pensar a Educação do Campo. Por outro lado, as ações do Observatório despertam grande interesse nos alunos que estão em formação para atuarem no campo. 2) Os alunos dos diversos cursos de licenciatura, hoje bolsistas do projeto, levam para seus cursos as discussões da educação do campo. Nos debates com os colegas e professores informam sobre a realidade das escolas e dos municípios que acompanham. 3) A participação em eventos sobre Educação do Campo tem motivado muitos bolsistas a estudar mais profundamente aspectos da vida do campo, bem como a dinâmica da escola rural. 4) O Observatório participou de um evento interno de pesquisa ensino e extensão que mobiliza anualmente toda a comunidade acadêmica: a SEPEX, nessa oportunidade foi montada um estande do projeto onde foram expostos banners com os subprojetos de pesquisa. O evento teve um impacto importante entre os bolsistas que deram visibilidade aos seus estudos entre os acadêmicos de outras licenciaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa está em andamento, 2012 é o segundo ano do Projeto. O primeiro ano foi fundamental para a construção da compreensão dos objetivos e metodologia do projeto por parte dos envolvidos. Os contatos com as escolas e as lideranças municipais foi um desafio importante para o início das primeiras ideias do trabalho. A composição do grupo na Universidade também exigiu muito estudo e discussão de textos teóricos que dessem conta de compreender os conceitos básicos como letramento, políticas públicas para a educação do campo, indicadores de avaliação educacional e formação de professores.

Os primeiros mapeamentos da educação em Santa Catarina nos apresentaram um quadro de indicadores que serão fundamentais para nossas análises durante todo o trabalho. Além disso, avançamos nas relações entre os núcleos dos três estados o que é imprescindível para a realização do trabalho.

Nesse momento nossos desafios são as análises dos dados colhidos e a construção de instrumentos de coletas de dados mais específicos sobre o baixo IDEB das escolas catarinenses. As principais técnicas de coleta de dados que serão utilizadas na pesquisa e que integram a perspectiva quanti-qualitativa são: análise do banco de dados do INEP (cuja fonte é pesquisa de tipo levantamento); realização de questionário, por amostragem, com professores e diretores (com questões abertas e fechadas); realização de entrevista com professores e diretores (com roteiro semi-estruturado). Os questionários serão enviados à totalidade de escolas rurais que se enquadrarem no IDEB

de 2.0 à casa dos 4.5 pontos. As entrevistas serão realizadas com os profissionais das 10 escolas que possuírem o menor IDEB no estado, na área rural.

É importante finalizar apontando que esse projeto faz parte de uma reflexão maior acerca da educação do campo que desenvolvemos nos nossos estudos e práticas junto a essas populações. Principalmente quando pensamos a educação escolar, pois A escola, vista na lógica da educação do campo resignifica as especificidades do campo possibilitando a elevação da autoestima e autoconfiança das populações, buscando uma vida digna neste espaço. Os processos educativos ali desenvolvidos, tanto os escolares como os não escolares estão voltados para a busca de uma qualidade de vida que amplie as possibilidades de vida e trabalho no campo (BELTRAME, 2009. p.182).

Assim, a busca por novas práticas no âmbito do sistema educativo no campo, perpassa questões políticas mais amplas e não se faz separada da assunção de uma nova concepção acerca do processo de ensino-aprendizagem, da instituição escolar e dos sujeitos instituintes da educação nesse espaço.

REFERÊNCIAS

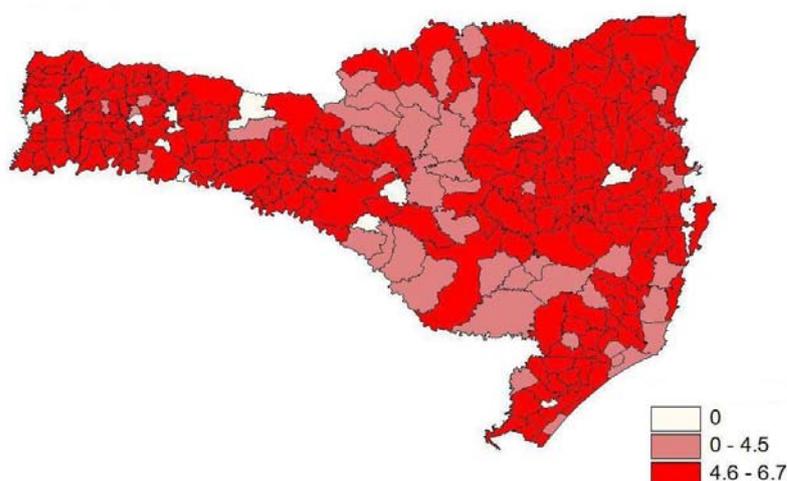
- ALMEIDA, M. I. **Apontamentos a respeito da formação de professores.** In: BARBOSA, R. L. L.. Formação de Educadores: artes e técnicas, ciências políticas. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ARROYO, M. G. **A Escola do Campo e a Pesquisa do Campo:** In: MOLINA, M. C. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão . Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2006.
- BELTRAME, S. **A Escola do Campo.** In: MEKSENAS, P.: TORRIGLIA, P. L. (org.) Pensando a Educação: perspectivas contextos e práticas. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.
- CANDAU, V. M. **A relação entre teoria e prática na formação do educador.** In: CANDAU, V. M. (org.) Rumo a uma nova didática. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DAVIS, C. e GATTI, B. **A dinâmica da Sala de Aula na Escola Rural.** In: Educação e Escola no Campo. Org. THERRIEN, J.e DAMACENO, M. São Paulo: Papyrus, 1993.
- FRIGOTTO, G. **Projeto Societário Contra-hegemônico e Educação do Campo: desafios de conteúdo, método e forma.** In: MUNARIM, A. e outros (org.). Educação do Campo: reflexões e perspectivas. Florianópolis:Insular, 2010.

PIMENTA, S. G. **Para uma re-significação da didática.**In: Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 2006,p.19-76.

PENIN, S. T. de S. **Estágio e pesquisa na escola básica: fundamento do Programa de Formação de Professores da USP.** In:BARBOSA, R. L. L.. Formação de Educadores: artes e técnicas, ciências políticas. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

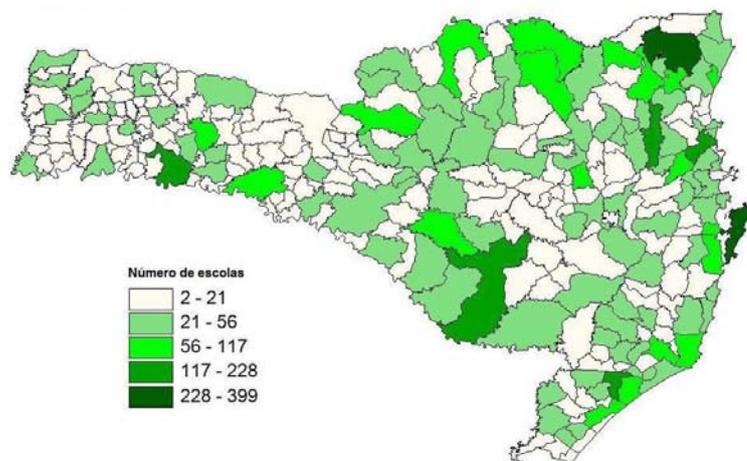
SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

Mapa 1 IDEB Municipal – Rede Pública - 2009



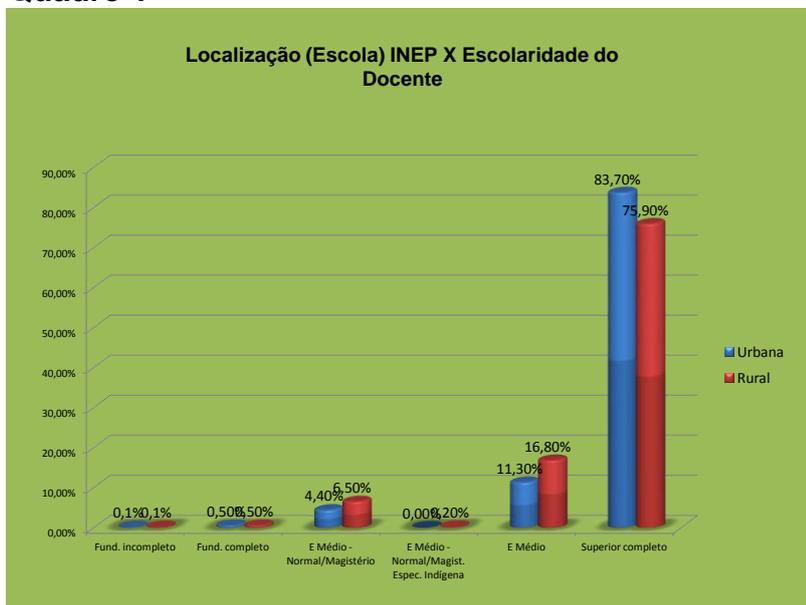
Autor: Fabio Hartmann

Mapa 2 Densidade Escolar - SC



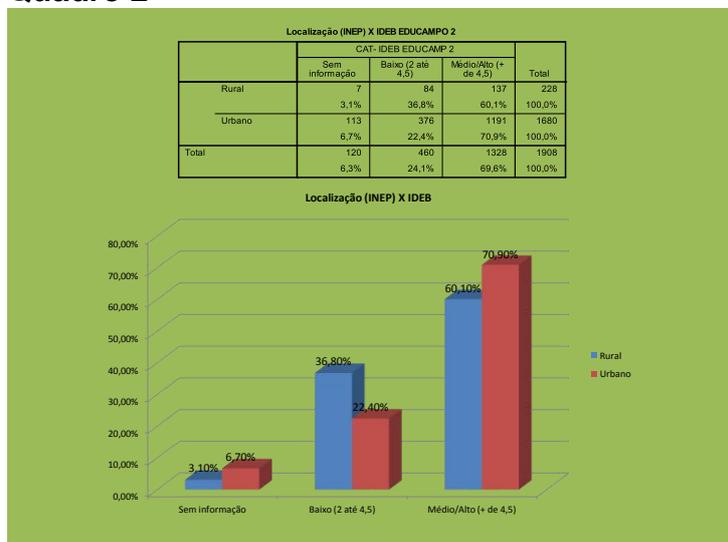
Autor: Fabio Hartmann

Quadro 1



Autor: Fabio Hartmann

Quadro 2



Autor: Fabio Hartmann